

JORNAL: OGLOBO LOCAL: GUANABARA
DATA: 11/3/72 AUTOR: VERA PACHECO JORDÃO e
Jose Roberto Teixeira Leite
TÍTULO: _____
ASSUNTO: GRAUBEN - MORRE AOS 83 ANOS E DEIXA
UMA PINTURA JOVEM

11-3-1972

O GLOBO

Grauben morre aos 83 anos e deixa uma pintura jovem

Foi sepultada às 17h de ontem no Cemitério de São João Batista a pintora primitivista Grauben, que iniciou a carreira artística aos 70 anos e iria completar 83 anos no dia 23 de abril. Ela morreu às 3h40m da madrugada, vítima de colapso cardíaco.

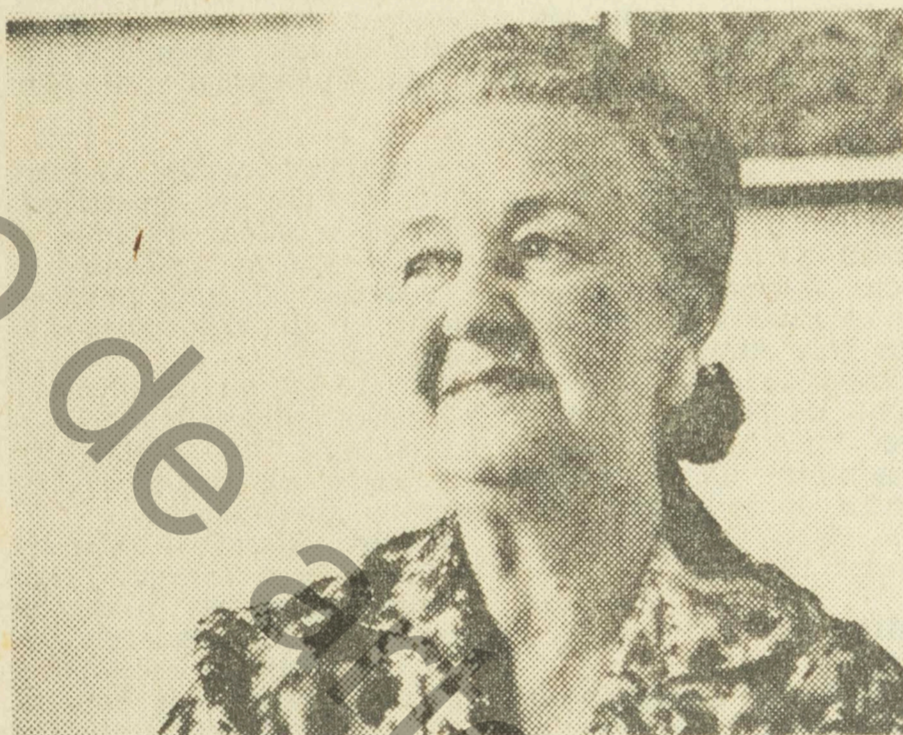
Ao sepultamento de Grauben — Maria Grauben Bomilcar de Monte Lima — compareceram numerosos amigos e parentes, além de personalidades do mundo das artes plásticas. No dia 10 de abril a Galeria do Copacabana Palace fará uma exposição póstuma dos quadros de Grauben, acrescentando 20 trabalhos novos ao acervo de sua autoria ali existente.

Foram muitas as coroas de flores enviadas à Capela 4 do Cemitério de São João Batista, onde o corpo da pintora foi velado. Uma delas, enviada pelo pintor Ivã Serpa, dizia: "À minha eterna namorada, a eterna saudade de Ivã Serpa". Outra, da Galeria do Copacabana Palace, tinha a seguinte inscrição: "À querida Grauben, saudades".

Grauben, cujo corpo está na sepultura 7864, mantinha uma vida recatada, sempre dedicada aos seus quadros. Raramente saía de casa. Era assistida constantemente pela secretária particular, Dona Lena, e por parentes, que não puderam socorrê-la quando a súbita crise cardíaca vitimou-a em seu apartamento no Leme, na Rua Anchieta n.º 9.

A secretária Lena admite que possa ser publicado o livro que Grauben escreveu — **As Incríveis** — tendo por tema a sua vida familiar.

Entre os parentes e amigos da pintora presentes ao sepultamento estavam seus filhos Marcos Monte Lima, Eunice Monte Lima (pianista e compositora) e Hélio Monte Lima, além dos artistas plásticos Frederico Ferri e Vera Pacheco Jordão.



Pintora foi sepultada ontem no São João Batista

Grauben subiu aos céus

A morte de Grauben — Grauben Bomilcar do Monte Lima, nascido a 23 de abril de 1889 — vem privar a pintura brasileira de uma de suas figuras mais simpáticas e queridas, e ao mesmo tempo mais autênticas. Nascida em Iguatu, Ceará, começou a pintar aos 70 anos de idade — assim repetindo a experiência de artistas **ingênuos** como **Grandma Moses** (a pintora norte-americana com a qual costumavam compará-la ou, para não sair do Brasil, o célebre Cardozinho. Funcionária pública aposentada — e foi, entre nós, a primeira mulher a se tornar funcionária pública —, dedicou todo o resto de sua existência à pintura, desde que ganhou uma caixa de tintas para matar o tempo.

Um de seus primeiros guaches foi ter às mãos do pintor Ivã Serpa, que, se interessando por seu caso, passou a orientá-la durante um ano, sem interferir, contudo, em seu mundo de idéias. Grauben iria con-

servar-se sempre livre e espontânea, produzindo, nos próximos anos, centenas de quadros a óleo, executados em obediência a uma técnica inconfundível: pequenas pinceladas em forma de vírgulas, profusamente coloridas, que formavam os temas favoritos de sua imaginação: pássaros e borboletas, folhas e flores.

Tais quadros, expostos primeiro no Brasil e mais tarde em diversos países, conquistaram-lhe reputação internacional, tendo merecido elogios calorosos de críticos como Jacques Lassaigne e Raymond Charvet, Anatole Jakovsky e tantos mais.

Grauben (o nome é alemão, retirado de um personagem de romance) costumava dizer aos que lhe louvavam os quadros: "Mas eu não entendo nada de pintura." Agora subiu aos céus, deixando-nos seus quadros de pássaros e borboletas, flores e florestas encantadas.

José Roberto Teixeira Leite

Grauben na eternidade

Pela primeira vez vi imóveis aquelas mãos de menina, os dedos curtos tão ágeis no manejo dos pincéis ainda com um resto de tinta debaixo das unhas.

Pela primeira vez vi aquele rosto a cada instante movido pelo riso transformado em face de estátua. Retomaram seus direitos o nariz fino, a boca bem traçada, a testa majestosa, que na vida eram eclipsados pelo brilho dos olhos, a vivacidade da fala, a doçura do sorriso.

Grauben que gostava tanto de festejar seu aniversário, no dia de São Jorge, já não completará os 83 anos proclamados com faceirice.

Estão prontos os quadros que ela pintou amorosamente para a próxima exposição. Os pássaros pousaram nos galhos, as borboletas levantaram voo, folhagens se entrelaçaram, flores luminosas acenderam-se

por entre os ramos, pavões abriram leques — todo um mundo fantástico surgiu ao toque da pintora fada.

Mas Grauben, que neste nosso mundo vivia deslumbrada ante as coisas "incríveis", passou ela própria para o mundo no qual são revelados os segredos essenciais.

Partiu para a eternidade. Até o último momento trabalhou. Seus dedos trêmulos ainda traçaram as antenas de uma borboleta gigante. Pintou um pássaro amarelo. Os detalhes finais ficaram para o dia seguinte. E, de madrugada, surgiu aquela que vem como um ladrão. Levou a pintora, levou a mulher de coração grande, onde cabia tanta gente.

Mas ficaram seus quadros tão amados, ficou para sempre a lembrança da criatura única chamada Grauben.

VERA PACHECO JORDÃO

Do ocaso ao alvorecer

— Um dia, da janela do meu apartamento, estava vendo um pôr-de-sol magnífico. Minha sobrinha chegou e viu que eu estava chorando baixinho. Ficou espantada, porque nunca me vira chorar. E, de repente, disse:

— Só um artista chora diante de tanta beleza. Dias depois, ela me trouxe guache e cartolina.

As lágrimas de Grauben motivaram uma das mais alegres, coloridas, divertidas e numerosas produções que as artes plásticas do País conheceram nos últimos 12 anos, o quanto durou a sua atividade como pintora: começou em 1960, quando tinha 70 anos de idade, e praticamente não se interrompeu por todo esse tempo. Daí que tenham chegado a perto de três mil as suas telas, inalteradas na temática — flores, pássaros, animais —, no estilo primitivo e na técnica especialíssima, em que as cores alegres surgiam da tinta diluída, lembrando, no óleo, o guache, que fora o seu primeiro elemento. Por serem igualmente valiosas, não demorou que o prestígio das suas telas conquistasse a honra de enfeitar paredes reais — Elizabeth II da Inglaterra, Fabiola da Bélgica e o Duque de Edimburgo, entre outros nobres, ganharam de presente trabalhos de Grauben.

Quase autodidata, pois apenas tomou algumas lições com Ivã Serpa, no MAM, depois de experimentar os pincéis e tintas que a sobrinha lhe oferecera, por causa daquelas lágrimas diante do pôr-do-sol, Grauben Monte Lima firmou-se em poucos anos como uma das mais festejadas pintoras brasileiras. Por isso, compareceu à VII e à VIII Bienais de São Paulo, à Bienal de Córdoba, em 1964, à coletiva "Huit peintres naïfs brésiliens", na Galeria Massol, em Paris, 1965, e às principais galerias de arte do Rio e de São Paulo. Cada mostra individual correspondia a elogios da crítica e ansiosa procura dos colecionadores.

Primeira funcionária pública — Ministérios da Agricultura e da Fazenda —, primeira colaboradora da revista "Fon-Fon", primeira mulher a tomar bonde sozinha, primeira a dispensar companhia para tomar o chá da Colombo: Grauben Monte Lima, cearense de Iguatu, mãe de uma pianista celebrada — Eunice Catunda — e de mais dois filhos adultos, transformou a própria velhice numa festa de borboletas e flores pintalagadas.

— Que tolice — dizia, ao receber da sobrinha a primeira caixa de tintas —, nunca soube sequer desenhar, e já estou velha demais para aprender. Nem crochê ou bordado eu consegui fazer direito, jamais.